

## CAPÍTULO 2

### **UMA SOCIEDADE EM CRISE**

Parece ser senso comum a opinião de que o homem contemporâneo passa por uma significativa e profunda **crise**. Entretanto, é preciso identificar precisamente estes termos para não correremos o risco de generalizar algo que pode ser específico. Quando utilizamos, no título dessa seção, o artigo **UMA** para o substantivo **SOCIEDADE** queremos nos referir a uma categoria específica dentro de um amplo universo. Não podemos afirmar que em outras sociedades os fenômenos estudados sob o nosso enfoque apresentam-se de forma semelhante. Ao nos referirmos à SOCIEDADE estamos promovendo um primeiro recorte caracterizado claramente pelos termos que a definem: SOCIEDADE complexa, urbana, ocidental, contemporânea. Assim, por complexa estamos entendendo aquela SOCIEDADE que está estruturada em grandes redes de relações e funções; urbana pela ênfase no movimento habitacional na direção dos grandes centros urbanos pela população em geral; ocidental já que todo o referencial de conhecimento, de pensamento, cultura etc. será o desta parte do planeta; e contemporânea, na medida em que daremos ênfase às mais recentes características e dinâmicas dessa SOCIEDADE iniciadas com as modificações das relações de produção do século XIX identificadas no movimento industrial e, subseqüentemente, nas mudanças pós-industriais e tecnológicas. Com este recorte estaremos utilizando abordagens das diversas áreas do saber envolvidas direta ou indiretamente com o nosso tema.

Como **CRISE** estaremos privilegiando as definições de uma “fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos e das idéias” ou, especificamente, como “situação grave em que os acontecimentos da vida social, rompendo padrões tradicionais, perturbam a organização de alguns ou de todos os grupos integrados na sociedade”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O Novo Dicionário Aurélio apresenta no verbete \_\_\_\_\_ essa interessante definição sociológica que resume bem as tendências, na Sociologia, de caracterização da \_\_\_\_\_ .

---

Quais seriam os acontecimentos que estariam caracterizando o momento atual como de **crise** na visão estabelecida acima?

## 2.1- PERDAS

O primeiro aspecto que identificamos na composição da **crise** da sociedade contemporânea refere-se às **perdas** percebidas pelos indivíduos integrantes dessas sociedades, de diferentes formas. No tocante à **perda de certezas** os indivíduos parecem se ressentir do estreitamento das perspectivas de futuro para suas vidas, tanto quanto aos seus projetos familiares como aos profissionais, principalmente. A **incerteza** advinda das instabilidades econômicas provoca as mais diferentes reações, refletindo-se no comportamento individual e social, pela total impossibilidade de se preverem os movimentos de uma complexa economia mundial globalizada e interligada. Os recentes reflexos na economia em nível mundial, diante das oscilações das bolsas de valores de determinados países em dificuldades locais, ratificam nosso ponto de vista.

Mas não é só a **perda das certezas** que atinge tão significativamente os indivíduos. A crescente **perda de referenciais** de toda ordem vem contribuindo para essa deterioração da sociedade. Os próprios **referenciais econômicos** que, durante tantos séculos, vêm norteando a condução de políticas e a estrutura de valoração na sociedade, parecem ter encontrado uma **crise** sem precedentes, com os riscos da perda de e condição social determinados por variações externas e independentes da vontade do indivíduo. A impossibilidade de se auto-determinar nesses assuntos vem colaborando para um crescente adoecimento, principalmente da classe média, como função dessa **perda**.

---

Uma das principais conseqüências dessas **perdas** parece ser uma tendência a valorizar as conquistas mais imediatas, sejam elas financeiras, de prazer etc. A essa característica chamaremos de **imediatismo**.

O papel tradicionalmente ocupado pelas religiões de um modo geral — como mantenedoras de padrões de conduta e comportamento — também parece ter sofrido um crescente desgaste, nas relações sociais contemporâneas, principalmente aquele que acompanha o movimento materialista de nosso século<sup>2</sup>. Por um lado, a busca de um grande número de indivíduos por soluções milagrosas para suas dificuldades, com conseqüente frustração pessoal; por outro, a dificuldade da maioria dessas religiões em poder explicar ou consolar em relação às grandes vicissitudes e diferenças sociais acabou por promover o que estamos chamando de **perda de referenciais religiosos**.

Entretanto, talvez o aspecto que mais se destaque nessa **crise**, em termos dos efeitos sobre as relações sociais entre os indivíduos da sociedade contemporânea, seja o da **perda dos referenciais de valores**. De um modo geral, temos assistido a uma desenfreada mudança dos **valores** da sociedade em diferentes nuances. Os **valores ético-morais** vêm sofrendo alterações profundas ao longo das décadas mais recentes chegando a apresentar padrões significativos em certas classes ou grupos sociais, que acabaram desenvolvendo códigos próprios de regulamentação da vida social. Assim, por exemplo, podemos identificar os códigos de leis próprias impostos por determinadas categorias marginais vinculadas ao tráfico de drogas, sobre uma comunidade popular urbana inteira, sem que as instituições competentes se aventurem a uma intervenção que restaure a organização original

---

<sup>2</sup> A constatação, mais recente, de uma crescente e, por vezes, desordenada busca pela religiosidade sugere uma reação a essa perda de referenciais religiosos pelos indivíduos, necessitando-se de estudo específico para investigar os componentes desse fenômeno.

---

da comunidade urbana mais ampla. A integridade da vida humana parece passar por dias de reduzida valorização passando-se da vulgarização dos motivos de homicídio aos descasos no trato das populações que vivem no, ou além, do limite da miséria. Essa conduta, generalizada, tende a influenciar e até determinar as orientações das políticas governamentais no campo social e de saúde pública, desconsiderando a triste realidade de uma grande parte da população que não possui condições básicas de manutenção da vida. Outra gama de valores que estão em pleno processo de deterioração refere-se aos casos de prostituição infantil, tráfico humano, trabalho escravo infantil etc. que, apesar de trazerem uma longa história de ocorrências na humanidade, parecem contrariar padrões básicos de uma civilização que se diz moderna, tecnológica.

Após o aspecto das **perdas**, o segundo que pretendemos destacar dessa **crise**, se confunde em dois termos que analisaremos em conjunto: o **isolamento** e a **fragmentação**. O **isolamento** dos indivíduos parece decorrer em boa parte de uma **fragmentação** das relações e estruturas sociais. Diante da divisão internacional do trabalho, da crescente busca de especialização para manutenção das condições de competição econômica nos mercados globalizados, os trabalhadores se vêm cada vez mais **isolados** e afastados. As jornadas de trabalho, estendidas para complementação da mão-de-obra dispensada com vistas à recuperação (ou ampliação!) das margens de lucro obtidas nas operações produtivas ou comerciais, reduzem o tempo de lazer e de possibilidades de trocas nos campos sócio-culturais da sociedade. Ainda com referência às relações de trabalho, podemos identificar que esta tendência à redução dos quadros funcionais disponíveis tem promovido uma acirrada disputa pela manutenção ou obtenção das vagas existentes, ampliando o clima de desconfiança e distanciamento entre as pessoas, justamente no, ou em função do local profissional onde passam mais de 2/3 de sua existência.

---

Outra forma de **isolamento** e **fragmentação** característica dessa sociedade é o que chamaremos **arquitetônica**. Englobamos aqui o claro distanciamento provocado pelas formas de ocupação habitacional da população urbana. Apesar da proximidade física, em estruturas de edifícios gigantescos que abrigam dezenas de unidades familiares, o nível de relação interpessoal existente é completamente paradoxal. Servindo basicamente como dormitórios, essas unidades não têm favorecido o intercâmbio entre as pessoas. Em função de aspectos da violência urbana como assaltos, seqüestros etc., maior é o número daqueles que irão se **isolar** atrás das grades dos condomínios fechados, sejam os de luxo ou até nas vias públicas que são cercadas de cancelas e seguranças, dificultando a interação e relacionamento entre os indivíduos. Mesmo nas comunidades carentes — como as favelas, por exemplo — são freqüentes as ocorrências de “toques de recolher” impostos por grupos ligados ao crime organizado, restringindo a possibilidade de uma maior interação social.

Ainda com relação ao aspecto do **isolamento**, destacamos o do âmbito **familiar**. Conforme a característica da sociedade passou, ao longo do tempo, a ser determinada pela maior participação do indivíduo, inaugurando a distinção entre os domínios público e privado dos grupos sociais, alteraram-se as relações familiares na sociedade ocidental. Assunto de relevância para o tema do presente trabalho, a deterioração das relações dentro da estrutura familiar, entre seus elementos, e entre as unidades familiares, parece ter-se aprofundado também a partir do processo de crescente especialização ocorrido em nossa sociedade. A dificuldade em atender às orientações, cada vez mais complexas, principalmente da Psicologia e da Educação, sobre o processo de formação e desenvolvimento das crianças, por exemplo, acarretou uma maior transferência de atividades e responsabilidades — antes atribuídas ao domínio privado — para o domínio público, como a formação

---

intelectual, atividades extras como curso de línguas, esportes, as providências básicas de saúde, atividades de lazer etc. Todas essas atribuições repassadas ao domínio público podem significar um empobrecimento dos laços afetivos e relacionais entre familiares, com perda das transmissões de tradições culturais importantes e singulares, tendendo a uma massificação de hábitos e costumes nem sempre condizentes com os processos de individuação daquelas camadas sociais.

Aqui o leitor poderá identificar uma outra espécie de **perda**, consequência desse **isolamento familiar** e que se reflete para outras dimensões da vida do indivíduo: a **perda de vínculos afetivo-emocionais**. Esta **perda** de vínculos acaba por resultar em uma certa **indiferença** pelos fatores que não afetam o indivíduo diretamente, muitas vezes camuflada atrás de uma noção de imparcialidade.

Outra forma de **isolamento** que vem causando grande interesse na atualidade refere-se às mudanças de comportamento dos usuários da rede mundial da **Internet** que parece, em alguns momentos, substituir a possibilidade de inter-relacionamentos pessoais por um contato virtual onde há, inclusive freqüentemente, omissão da verdadeira identidade dos comunicantes, garantindo anonimato, mas reforçando o **isolamento**. O próprio desenvolvimento da tecnologia de telecomunicações tem provocado um agravamento desse isolamento. Hoje, as diferentes programações existentes na televisão, visando atingir faixas etárias específicas, vêm determinando a criação de uma “necessidade” de se ter diversos aparelhos de TV ligados em cômodos diferentes, impedindo uma maior conversação e interação entre os membros da família. Além disso, com o desenvolvimento dos sistemas de compras, pesquisas de opinião, dentre outros serviços, diminui-se a necessidade de deslocamento de casa.

---

Acompanhando a **fragmentação** da sociedade contemporânea e seu conjunto de valores observa-se a exagerada **competitividade** existente entre os indivíduos e grupos organizados. A escassez de recursos tende a levar a um acirramento da disputa pelas oportunidades de projeção e sucesso. Seja individualmente ou pela força do agrupamento em categorias comuns, como as profissionais, por exemplo, a **competitividade** se verifica no âmbito do trabalho, dos esportes, dos quadros sociais e intelectuais e da própria família.

O significativo **descrédito nas instituições** parece ser outro tópico importante dessa **crise** que estamos caracterizando. As instituições governamentais em todos os níveis, federal, estadual e municipal, tais como a polícia, o sistema de saúde, educação etc. não conseguem obter graus significativos de aprovação pela população usuária dos seus serviços favorecendo a instabilidade e o enfraquecimento dos sistemas de representação política. Os próprios casos de corrupção passiva e ativa, os diversos casos de Comissões Parlamentares de Inquérito desvendando as diversas formas de desvios de recursos e improbidades administrativas, desestimulam a participação mais ampla da população, pelo total descrédito na capacidade de solução ou encaminhamento dos problemas emergentes para estes grupos sociais.

Importante fator no estudo da **crise** que afeta o homem contemporâneo talvez seja a constatação de como os indivíduos vêm reagindo a estes fenômenos apontados acima. Alastra-se de forma incontrolável a vivência de um profundo **sentimento de angústia pela perda do sentido pessoal e existencial**. Esse aspecto pode ser observado — e um estudo específico sobre isso, que escapa aos objetivos do presente trabalho, permitiria quantificá-lo — nas ocorrências das **clínicas médicas e psicológicas**. Diversas patologias têm oferecido desafio im-

---

portante à ciência médica com um aumento em progressões geométricas ao longo dos períodos de desenvolvimento e estruturação da sociedade industrial contemporânea: as cardiopatias, os diversos tipos de processos oncológicos — hoje muito associados à ocorrência de situações estressantes na vida do indivíduo<sup>3</sup>. No campo da psicopatologia, as ocorrências da depressão cuja psicogênese pode ser atribuída ao elevado grau de frustração ante os limites que a realidade impõe, a crescente estatística da Síndrome do Pânico, doenças psicossomáticas etc. sugerem uma hipótese de serem provocadas, ou pelo menos potencializadas, por esse estado de **angústia existencial**.

Outros dois parâmetros nos apontam nessa direção: o uso de **drogas** e os índices de **suicídio**. No campo das **drogas**, seu uso tem encontrado significativas ocorrências nas camadas mais jovens que parecem se ressentir de uma perda dos referenciais apontados anteriormente ou como fuga a situações extra e/ou intrapsíquicas de diversas ordens. Da mesma forma, os episódios de **suicídio** ocorrem mesmo em áreas de alto nível de qualidade de vida, onde muitos dos parâmetros valorizados pela sociedade como características de desenvolvimento sugeririam a inexistência de fatores predisponentes.

## **2. 2 - EXCESSOS**

As diversas formas de **perdas** experimentadas pelos indivíduos não são as únicas responsáveis pelo sentimento de crise que se generaliza na Sociedade contemporânea. Paradoxalmente, elas vêm acompanhadas de suas antíteses: inúmeros **excessos** que são relacionados aos quadros individuais de angústia existencial e melancolia.

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre este assunto o leitor poderá recorrer à pesquisa do casal SIMMONTON resumida na obra “  
constante na bibliografia deste trabalho.

---

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e, principalmente, da tecnologia de processamento de dados, temos assistido nas últimas décadas a uma crescente demanda por **informações**. Cada vez mais a qualidade das decisões de produção, consumo e investimento passa por uma melhor apropriação das informações disponíveis. O domínio de um determinado tipo de informação ou de um meio de informação transformou as disputas por estes controles em verdadeiras guerras. Podemos identificar que, após o predomínio do poder da força e do poder econômico, o poder da informação passou a ser instrumento de dominação e alvo das principais aspirações ocidentais e, a partir de uma tendência cada vez mais globalizada, de todo o mundo. O avanço da tecnologia de telecomunicações tem permitido acesso aos principais acontecimentos em qualquer parte, mesmo as mais longínquas, do planeta.

A busca desenfreada pela informação acarreta problemas éticos significativos já que, em nome de um melhor planejamento, estratégias de ação etc., invade-se a privacidade dos indivíduos, seus hábitos de consumo, suas preferências alimentares, de vestuário, sexuais, dentre outras. Com isto, as estratégias de estabelecem parâmetros de produção de massa que irão determinar padrões de consumo generalizados e impessoais, acabando por serem internalizados como necessidades. As quebras de barreiras culturais, políticas e econômicas entre os diversos países, tornaram os indivíduos mais acessíveis aos modelos de consumo e de sucesso de outras realidades culturais e sociais causando verdadeiros conflitos de identidade.

Este movimento de produção de massa tem gerado um conseqüente consumo de massa que atenda à necessidade de absorção da produção e mantenha os níveis de emprego e lucros. Com isto identificamos um outro significativo excesso

---

para os objetivos de nosso trabalho: o **excesso de “necessidades” de consumo**. Estas “necessidades” acabam sendo criadas como forma de elevar o nível de conforto e satisfação dos indivíduos que podem, assim, desfrutar dos benefícios oferecidos pelo desenvolvimento da tecnologia e do conhecimento humano. Entretanto, por outro lado, a sociedade mostrou-se incapaz de desenvolver mecanismos de distribuição de renda e de acesso a princípios básicos de saúde, saneamento, habitação e alimentação para uma grande camada da população. Esta situação acaba por promover grandes paradoxos e ambigüidades na priorização dos itens de consumo destas camadas na direção de “necessidades” não tão necessárias à sobrevivência. O desafio está no ponto de equilíbrio entre produção, consumo, respeito às características culturais e sociais regionais e individuais e os mecanismos de regulamentação e proteção destes direitos.

Em outros níveis sócio-econômicos, esse **excesso de necessidades de consumo** tem provocado uma desenfreada busca de condições para a aquisição de bens de consumo duráveis e não duráveis que ofereçam benefícios diretos — pelo conforto que proporcionam — e indiretos — como sinal de status, valor e diferenciação social. Esta busca acaba levando a uma exacerbação do tempo destinado ao trabalho com prejuízo do tempo destinado às horas livres, de lazer e de convívio familiar. A sucessão e diversidade dos itens eleitos como possíveis geradores de satisfação coloca o indivíduo em um impasse: a limitação de sua renda oferece a sensação de incapacidade de alcançar níveis elevados de satisfação. A frustração diante dessa “incapacidade” tende a provocar estados de ansiedade — na busca, a qualquer preço, destas conquistas — ou de depressão pela impotência diante destas limitações. Em um sistema que se baseia na igualdade de oportunidades, este impasse tende a contribuir na compreensão distorcida de que o nível de satisfação pretendido não foi alcançado por algum tipo de falha pessoal na avaliação ou condução das decisões de curto e/ou de longo prazo pelo indivíduo.

---

Outro motivo de tensão está no excesso determinado pela **necessidade de atualizações tecnológicas**. Cada dia novos modelos de bens são oferecidos, com maiores recursos para a rapidez e eficiência no uso, tornando os modelos anteriores rapidamente obsoletos e descartáveis. Esta internalização da tendência descartável, afeta o indivíduo nas suas relações pessoais ou objetais. Mesmo que não queira optar pela atualização tecnológica, o indivíduo passa a ser pressionado pela falta de peças de reposição, assistência técnica ou pela simples decretação de morte de marcas e modelos que somem do mercado sem deixar notícias, deixando-nos a dúvida se são por conta do ritmo do processo de desenvolvimento tecnológico — como os exemplos dos sistemas operacionais e acessórios de computadores pessoais — ou apenas por estratégias comerciais — com o exemplo de lâminas de barbear, cremes dentais etc.

A limitação dos recursos que podem ser alocados ao consumo de bens que geram bem estar para o indivíduo e/ou para seus familiares também tende a produzir um outro motivo de adoecimento crescente na sociedade contemporânea: o **excesso de opções de escolha**. Multiplicam-se as opções entre bens e serviços oferecidos, de forma cada vez mais atraente e envolvente, de tal modo que o indivíduo se vê dividido entre opções, sem saber diferenciar a que mais se adequa à sua situação ou a que mais o beneficiaria. São as opções de serviços bancários, cartões de crédito, tipo e marca de telefonia celular, fidelidade a produtos de serviços trocados por milhagens, descontos, facilidades etc. Os recursos audiovisuais e interativos de propaganda induzem, por vezes, ao estabelecimento de parâmetros de decisão completamente distanciados da realidade biográfica, social e cultural do indivíduo. Se é possível identificar um certo grau de bem estar imediato, a médio ou longo prazo, esta modificação de hábitos ou dúvida entre outros hábitos pode produzir efeitos negativos na interação do indivíduo em seu grupo social.

---

Lógico está que não estamos fazendo uma apologia ao retrocesso tecnológico nem à contestação romântica do sistema que se estruturou no ocidente. Entretanto, a constatação inevitável é de que este mesmo sistema em que a sociedade ocidental está apoiada, não foi capaz de solucionar os grandes problemas sociais e econômicos, exigindo uma reflexão mais ampla sobre os valores em que a ideologia ocidental está baseada. Ao longo do tempo parece que há uma inversão silenciosa no sentido das coisas: ao invés de se procurar consumir para viver bem, passa-se a procurar viver para consumir bem. A tendência parece ser uma certa alienação sobre o sentido real deste consumo, de uma perda de consciência da liberdade de escolha e de uma redução da capacidade de autodeterminação e do estabelecimento tácito de valores “normais” e “desejados” para todo o conjunto da sociedade que, na verdade, traduzem interesses e percepções de grupos específicos com alto grau de influência na formação de opiniões e comportamentos.

### **2. 3 - CRISE: APOCALIPSE OU TRANSFORMAÇÃO?**

Os elementos dessa crise — de ruptura de padrões tradicionais e de desorganização do conjunto social ou seus subgrupos — têm levado muitos autores a se preocuparem com o tema, cada um deles priorizando um enfoque capaz de contribuir para a compreensão do fenômeno no campo das ciências.

Em uma abordagem sociológica, Featherstone (1995, 1997) enfatiza os efeitos do processo de formação e deformação da cultura na sociedade contemporânea e os efeitos que a mudança para um mundo globalizado representa para os indivíduos, a busca e manutenção de suas identidades e para sua interação em sociedade.

---

Para Lasch (1983, 1986), a crise está relacionada ao movimento individual do psiquismo em busca da sobrevivência. Para o autor, a vida cotidiana passou a se pautar por estratégias de condutas que procuram assegurar a sobrevivência impostas aos que estão expostos a situações de extrema adversidade. A sobrevivência e o equilíbrio emocional estariam garantidos quando o indivíduo conseguisse manter um “eu” mínimo, um núcleo defensivo, em guarda contra a adversidade ameaçadora. Ao avançarmos na argumentação de Lasch, percebemos sua visão de que a preocupação com o indivíduo, característica de nossa época, resulta na crescente preocupação com a sobrevivência psíquica. A partir deste estado de tensão pessoal ou “exaltada percepção imaginativa” de uma situação crítica, o indivíduo, em sua vida cotidiana, passaria a assumir atitudes e comportamentos indesejáveis, antagônicos e sinistros: restrição das perspectivas às exigências imediatas de sobrevivência; auto-observação irônica; individualidade multiforme e anestesia emocional (Lasch, 1986, p. 84).

O pensamento de Lasch está baseado em conceitos psicanalíticos que procuram dar conta de uma maior compreensão dos fenômenos a partir de uma visão do narcisismo. Assim, a crise individual e social estaria baseada na ameaça à perda de individualidade, à não auto-afirmação do indivíduo e à sua desintegração, propondo inclusive que a chamada cultura do narcisismo (Lasch, 1983) deveria ser chamada de cultura do sobrevivencialismo. Em todo o pensamento desenvolvido, Lasch parte de um contexto social norte-americano, de fins da década de 70 e da década de 80, onde a realidade da vida cotidiana passava por fatores coerentes com a sua postura teórica da ameaça à vida pelo risco nuclear, ecológico, do declínio econômico, do aumento da criminalidade e do terrorismo, dentre outros, que pareciam justificar a crise contemporânea:

---

“O risco da guerra nuclear, a ameaça da catástrofe ecológica, a lembrança do genocídio dos nazistas contra os judeus, o possível colapso de toda a nossa civilização geraram um amplo e extenso sentimento de crise, e a retórica da crise penetra agora as relações raciais, (...) e a ‘sobrevivência’ pessoal cotidiana.” (Lasch, 1986, p. 54).

A propaganda alarmante sobre a crise e a tentativa de mobilização dos indivíduos para a atenção e os sacrifícios necessários para a solução, segundo Lasch, esbarra em uma indiferença provocada pela sensação de distanciamento da participação nesse processo. Para os indivíduos, a responsabilidade remonta ao domínio público levando-os a se fecharem mais nos problemas do cotidiano.

Se o contexto norte-americano da década de 80, associado à ameaça de destruição, poderia sustentar as argumentações de Lasch sobre os motivos do sentimento de crise da sociedade contemporânea e suas conseqüências mais danosas, pesquisas sobre aquela mesma cultura empreendidas a respeito de outros períodos históricos nos oferecem outros subsídios. David S. Awbrey (1999), em sua obra *Depression and Melancholy in America*, faz um interessante levantamento sobre as origens e componentes psicológicos e sociais dos quadros depressivos e melancólicos característicos da nossa era. Quando enfoca o que chamou de Era da Melancolia, Awbrey(1999) observa que nem sempre os períodos de ameaça econômica ou de guerra coincidem com a maior incidência da depressão e melancolia na sociedade. Suas observações sobre o final da década de 90 atestam este pensamento:

“Certamente, a geração [norte-americana] atual poderia ser vista como um bando de ingratos birrentos. Os americanos, hoje, moram em casas maiores, dirigem carros melhores, têm maiores expectativas de vida, são diplomados em boas escolas, usam uma grande variedade de objetos eletrônicos e tiram férias mais exóticas do que fizeram seus pais. Além disso, o país não atravessa guerras nem enfrenta ameaças externas mortais, o desemprego é baixo, cai o número de necessitados soci-

---

ais. Até mesmo o déficit do orçamento federal vem caindo e é mínima a inflação no fim dos anos 90.

Apesar disso tudo, milhões de americanos não estão se sentindo bem quanto ao futuro e sem lugar nesse futuro e existe uma dissonância entre o que eles lêem nos indicativos econômicos e o seu bem-estar pessoal. Os americanos estão se saindo melhor mas sentindo-se pior.” (Awbrey, 1999, p. 21-22).

O autor cita os trabalhos de Rollo May sobre a melancolia encontrada de forma bastante significativa nas classes bem sucedidas — como advogados, médicos e executivos — que conquistaram sucesso social e profissional, mas vivem intensamente tristes. Mesmo durante o século XIX, podem ser encontrados relatos sobre essa contradição. Awbrey cita o aristocrata francês Alexis de Tocqueville que, em 1830, em estudo sobre a sociedade americana escreve: “Vi os mais livres e mais educados homens, nas circunstâncias de serem os mais felizes do mundo; porém eles me pareceram estar sempre sob uma densa nuvem suspensa sobre suas frentes, parecendo sempre seriamente tristes em seus prazeres. (...) [porque os americanos] nunca param de pensar nas coisas boas que eles não têm.” (Tocqueville, Awbrey, 1999, p. 77).

Para Awbrey, a crise, mesmo nos períodos de abundância material, poderia sugerir que a ênfase do fenômeno estaria em um profundo questionamento, por vezes inconsciente, dos valores que orientam a vida cotidiana e levam os indivíduos necessariamente a uma renovação. Dessa forma, percebe-se claramente que a posição do autor é otimista em relação aos efeitos de uma crise como a que caracterizamos. Essa visão de transformação possibilitada pela crise será enfocada a seguir.

Em todos estes estudos, o ponto central é o indivíduo como valor principal da sociedade contemporânea. Esta constatação parece remeter à necessidade de se compreender a formação e os desdobramentos da concepção individualista que caracteriza nossa sociedade como fator determinante de fenômenos que levam ao sentimento de crise.

A consideração unicamente dos efeitos desorganizadores observados em momentos de crise, pode conduzir a uma idéia pessimista e unilateral do fenômeno. A visão apocalíptica pode refletir uma distorção e uma fixação de conceitos que não são os únicos na observação mais apurada do desenvolvimento do pensamento humano. Pelo contrário. Ao longo da história da humanidade, períodos de melancolia e de desespero têm ajudado o conjunto do pensamento ocidental de diversas maneiras, inclusive introduzindo novas percepções sobre a vida.

Pesquisas como as coordenadas pelo Dr. Felix Post — citado por Awbrey (1999) — psiquiatra britânico, e publicadas em artigo do \_\_\_\_\_ em maio de 1996, estabelecem uma forte conexão entre os quadros depressivos e a criatividade. Estudando escritores ingleses e americanos a pesquisa notou altas taxas de tormentos mentais entre os membros do grupo pesquisado.

Ao longo da História, diversas são as ocorrências que parecem sugerir as crises como momentos de transformação profunda. As significativas transformações observadas na Renascença — como um não-conformismo individual — ou no período da Reforma Protestante — com o despedaçamento do cristianismo ocidental — foram acompanhadas por extensas queixas de melancolia e depressão pelos intelectuais e visionários religiosos. Os poetas e pintores do Romantismo expressaram nostalgia melancólica pelo passado e olharam com pessimismo a des-

truição da natureza pela Revolução Industrial. A conexão entre a melancolia e as mudanças propulsoras na sociedade foram marcantes em dois momentos especiais do final do século XVIII: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Em todos estes períodos “melancólicos” de crise, os sistemas sociais foram questionados, regras foram modificadas, a psique cultural parece ser clareada possibilitando novas atitudes e ações, reforçando a ligação estreita entre ansiedade e criatividade.

Períodos de crise podem, então, ter um significado de aquisição de grandes avanços na compreensão da vida, do indivíduo, da sociedade... Através da crise, os indivíduos podem repensar o que é realmente importante nas suas vidas, reavaliando sua estrutura de valores. Para Awbrey (1999), os anos 90 representam um tempo de exaustão física e mental e de apatia moral da cultura Ocidental e o sentimento melancólico de crise está sendo uma advertência de que algo está desastrosamente errado na sociedade.

Seja pela perspectiva pessimista da crise ou pela visão transformadora em que a crise pode se converter, o pensamento humano fica desafiado a procurar modelos que ofereçam possibilidades de solução. Nesse momento o conhecimento científico, através da articulação entre as disciplinas componentes ou de outras formas de saber, acaba sendo depositário de toda uma expectativa em torno da redução ou eliminação dos principais problemas.